

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JT

CLASS. : KMR00135

DATA : 27.11.90

PG. : 02

## Os índios Kraho reencontram sua antiga cultura. No cinema.

O cotidiano, as festas, os rituais da vida e da morte, e a mais absoluta intimidade de uma tribo indígena foram resgatados, em minuciosa filmagem, no Estado do Tocantins, onde vivem, em 11 aldeias, os dois mil índios Kraho. Para isso, o diretor do documentário, o paulista Luís Eduardo Jorge, que vive em Goiânia, teve a adesão incondicional — e até apaixonada — dos Kraho.

Os índios foram sensibilizados para a filmagem pelo indigenista Fernando Schiavini — que é o produtor do documentário. Schiavini é um dos brancos em que os Kraho mais confiam, desde que viveu cinco anos entre eles.

Schiavini veio, estes dias, a São Paulo, para apresentar à Fundação Mata Virgem um copião do documentário que retrata a vida no mundo dos Kraho. É uma primeira versão, em 50 minutos, extraídos de dezenas de horas de filmagem. E quem acompanhava Schiavini nessa visita era uma das grandes figuras dos Kraho, o cacique Getúlio, que aparece em muitas cenas.

A verdade é que os Kraho estão fascinados pelo cinema. Luís Eduardo Jorge e Schiavini, à medida em que as tomadas iam sendo feitas, a partir de 1988, mostravam aos índios as imagens. E os índios se encantavam...

Na história da criação do documentário, aconteceu um episódio mais ou menos fantástico, pelo menos para os Kraho. Para entender o episódio, é

O novo filme sobre os Kraho se junta a documentários desde os anos 40, em que eles revêem suas antigas práticas.



Fotos de Vidal Cavalcanti/AE

preciso fixar que eles são índios seminômades. Vivem, hoje, num território de 3.200 quilômetros quadrados, muito próximos de cidadezinhas, onde vivem pessoas que não os hostilizam, mas os desprezam.

Fixados em aldeias, eles fazem, de quando em quando, longas excursões. Nelas, caçam, coletam frutas, e depois retornam à aldeia, onde praticam uma agricultura primitiva. Os Kraho estão loucos de vontade de se libertarem dos vínculos com a Funai. Querem melhorar o padrão de vida. Para isso, esperam que o documentário os ajude. Além de divulgar sua cultura, pretendem ganhar algum dinheiro com ele.

Mas o tal episódio fantástico ocorreu quando Schiavini e Jorge descobri-

ram, na Universidade de São Paulo, um documentário do pesquisador alemão Harald Shultz, com filmagens feitas entre os Kraho, nas décadas de 40, 50 e 60. Eles levaram esse material, filmado em 16 milímetros, e colorido, para os Kraho verem.

Isso deu o que falar nas aldeias Kraho. Alguns índios se reconheceram entre os meninos das filmagens do alemão. Eles redescobriram rituais abandonados. Viram como, antigamente, fiavam com algodão, coisa que foi abandonada com o tempo.

Os Kraho viviam, no início do século XIX, no Maranhão. Mais tarde, foram para Goiás, onde cem deles foram mortos, num massacre, em 1940. O material recolhido no documentário tem cenas tocantes, como as cerimônias fúnebres do menininho Totot.

Pelo que se vê, a vida dos Kraho é uma sucessão sem fim de rituais. Como diz o indigenista Schiavini: "Há ritual para tudo — rituais ligados à natureza, à mudança das estações, à iniciação dos rapazes. Rituais, ainda, servem para reafirmar os laços de parentesco".

Além disso, esses índios se expressam através de cantos e músicas de grande beleza. Muito material sonoro foi recolhido, e, com eles, se imagina que possa ser feita a gravação de um disco. O problema, no momento, é conseguir financiamento para a edição final do documentário, que será distribuído pela Produtora Noar, de Marcelo Coutinho e Aline Sassahara. Schiavini agora pretende ensinar os índios a fazerem filmes.

**Marcos Faerman**



O cacique Getúlio veio a São Paulo para a apresentação do copião do filme à Fundação Mata Virgem